

## Introdução

O grupo Estudos Pessoaanos, da Universidade de São Paulo, e o projeto Estranhar Pessoa, sediado na Universidade Nova de Lisboa, têm vindo a colaborar numa iniciativa de revisão dos principais contributos da fortuna crítica da obra de Fernando Pessoa. Dessa iniciativa resultaram um primeiro encontro, intitulado “Marcos da Fortuna Crítica de Fernando Pessoa” e realizado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, a 25 e 26 de maio de 2017, assim como o caderno temático homónimo da *Revista Estranhar Pessoa*, publicado no outono desse mesmo ano (ver <http://estranharpessoa.com/seminarios/> e <http://estranharpessoa.com/nmero-4/>).

Como assinalava já a introdução a esse quarto número da revista, nas duas últimas décadas as leituras estruturantes da obra do poeta passaram a ocupar menos espaço nas prateleiras das livrarias que as novas edições da sua obra. A partir de 2005, ano em que se completou 70 anos após a morte do autor e a sua obra passou definitivamente para o domínio público, assistiu-se a um aumento exponencial da publicação de textos do seu espólio, tanto através de edições quanto de estudos centrados na divulgação e análise de inéditos. Se é verdade que não há edição que não recorra a um entendimento hermenêutico prévio, mesmo que não explicitado, é também visível que, como tendência geral nos estudos pessoanos, esta importante divulgação de novos textos relegou para segundo plano o exame da tradição crítica da obra e a consideração de novas leituras estruturantes.

Os grupos de investigação reuniram-se novamente a 15 e 16 de Fevereiro de 2018, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, no âmbito de um Seminário Aberto dedicado a “Assuntos Críticos” (ver <http://estranharpessoa.com/seminarios/>). Os seus participantes foram convidados a submeter artigos para publicação, tomando como ponto de partida as comunicações do Seminário e apresentando novas leituras da fortuna crítica. Estes artigos partem de uma dupla perspetiva, a de uma revisão de propostas fundamentais dos principais críticos e do tratamento de um tema por parte da tradição. A relevância e o número de artigos levou os editores a decidirem-se pela publicação de dois números independentes, seguindo-se a este caderno de *releituras críticas* um próximo número temático a publicar na primavera de 2019.

O primeiro ensaio, de Eduardo Lourenço, apresenta características diferentes dos restantes, por não ter sido escrito com um propósito de publicação no presente caderno. Trata-se de um texto manuscrito inédito, datado pelo autor de 10 de Julho de 1970, que permaneceu no

seu Acervo à guarda da Biblioteca Nacional, transcrito por António Ramalho e apresentado por Pedro Sepúlveda. O texto intitulado “A 3.<sup>a</sup> Reedição de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, de Jacinto do Prado Coelho” apresenta uma recensão ao livro de Prado Coelho, aludindo a linhas de uma *outra leitura*, que Lourenço irá desenvolver principalmente em *Pessoa Revisitado* (1973). Louvando a *primeira grande interpretação de conjunto* da obra pessoana, este breve ensaio revela um pendor crítico menos marcado que outros textos do autor sobre *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, constituindo uma peça fundamental do diálogo entre os dois críticos.

Em *Pessoa Revisitado*, Eduardo Lourenço concebe a ficção-Caeiro como desejo de fingir-se feliz. Pedro Sepúlveda enfatiza que o “Ideal Caeiro” tal como compreendido por Lourenço não corresponde à realidade poética de Caeiro. A descoincidência fundamental entre o querer ser e o ser são um produto consciente de Pessoa que teria, segundo Lourenço, passado despercebido pela crítica ao longo de quatro décadas de “exegese equivocada”. Voltado para esse diagnóstico radical, Sepúlveda revela-nos em trabalhos críticos publicados nesse período, especificamente de José Augusto Seabra e Agostinho da Silva, não apenas a tensão, mas a consciência da tensão poética inerente a Caeiro. No final de sua análise, o pesquisador pondera que esses trabalhos não abordam a referida dualidade com a ênfase que a fundamentação existencial proposta por Lourenço lhes atribui, e que é capaz de alimentar uma tradição crítica mais recente.

À luz das muitas efemérides e da proliferação de trabalhos acadêmicos dedicados a Pessoa durante a década de 80, o estudo de Joana Matos Frias produz especial interesse ao abordar com rigor o polo oposto dessa tendência, isto é, a desconcertante resistência da crítica daquele período ao *Livro do Desassossego*. Partindo da “falácia metaléptica” difundida por Alfredo Margarido, que compreende o *Livro* como “epopeia pobre” por ser escrito por um mero funcionário de escritório, a crítica enfoca o juízo negativo e apressado de Wilson Martins sobre a obra como “plano abandonado” e as concepções de “falta de forma” e “homem sem qualidades”, aduzidas por Robert Bréchon. Frias propõe-se, em suma, a descrever e analisar, na esteira de leituras melhor embasadas e mais recentes do *Livro*, os argumentos fornecidos por esses críticos para a sua subvalorização.

Em contiguidade com o artigo que publicou no número anterior a este *Caderno*, Flávio Rodrigo Penteadó examina em seu atual estudo a apropriação pela crítica pessoana das noções de “poeta dramático” e “dramaturgo”. Com esse propósito, confere atenção aos críticos que se mostraram particularmente sensíveis à chave de leitura dramática dessa poesia, não sem antes revelar que tal chave não é um simples modo de ler, mas um elemento constituinte da própria

obra. Os dois primeiros críticos de que trata – mais apegados, por assim dizer, às orientações de leitura fornecidas pelo próprio poeta – são José Augusto Seabra, para quem Pessoa foi um “poeta dramático irrealizado”, e Teresa Rita Lopes, cuja proposta de leitura considera a obra pessoana como “narrativa dramatizada”. Já o terceiro crítico abordado, José Gil, para quem a “dramaticidade” é “intrínseca à heteronímia”, tende a superar, segundo Penteado, os modelos de leitura fornecidos por Pessoa.

Em “Lourenço Revisitado: A Heteronímia e a ‘Impotência Criadora’ de Pessoa”, Nuno Amado apresenta uma análise crítica da importância do conceito de *impotência criadora* na leitura da heteronímia proposta por Eduardo Lourenço, em *Pessoa Revisitado* e alguns ensaios subsequentes. Assinalando que se trata de um conceito que o ensaísta recupera dos críticos presencistas João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro e José Régio, considera que Lourenço adere a uma ideia antiga de que Pessoa seria mais raciocinador do que poeta. Esta ideia de uma falta de inspiração poética está, no seu entender, na base de uma outra tese fundamental de Lourenço, a de que a heteronímia pessoana seria o resultado de um choque provocado pela leitura de Walt Whitman.

Por fim, Teresa Jorge Ferreira analisa detalhadamente um vasto conjunto de contributos dos principais críticos pessoanos para a leitura do poema “Autopsicografia”, traçando um percurso por análises publicadas entre as décadas de 40 e 90. Notando uma tendência de afastamento da crítica em relação a uma leitura romântica do poema, como expressão de *si próprio*, a autora foca particularmente a importância da relação entre as componentes do título “Autopsico-grafia” e as três estrofes do poema. Sob o título “Autopsicografias”, esta análise conclui que a irresolução entre o nível pessoal e impessoal no poema, presente no próprio título, faz coincidir a caracterização da poesia com o retrato do próprio poeta.

Em um de seus maiores poemas, Alberto Caeiro define-se como o “Argonauta das sensações verdadeiras”, não por ter descoberto, ao contrário do navegador ousado, novas terras em busca de glória e riqueza, mas por ter idealizado um novo olhar: “Trago ao Universo um novo Universo / Porque trago ao Universo ele-próprio”. Como editores deste Caderno, esperamos que as recuperações aqui propostas de temas e aspetos essenciais dessa fortuna crítica levem, justamente, à reaproximação da obra de Fernando Pessoa, que é o movimento inicial e final de qualquer apreciação justa.

Pedro Sepúlveda e Caio Gagliardi  
Lisboa e São Paulo, outubro de 2018